

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JEAN-DANIEL POLLET, A MATÉRIA DO MUNDO

17 e 28 de Março de 2022

MÉDITERRANÉE / 1963

um filme de JEAN-DANIEL POLLET

Realização: Jean-Daniel Pollet *com a colaboração de* Volker Schlöndorff *Fotografia:* Jean-Daniel Pollet *Música original:* Antoine Duhamel *Montagem:* Jacqueline Raynal, Jean-Daniel Pollet *Texto:* Philippe Sollers (dito pelo próprio).

Produção: Les Films du Losange *Produtor:* Barbet Shroeder (França, 1963) *Cópia:* CNC, 35 mm (restaurada), cor, 43 minutos, falada em francês e legendado electronicamente em português *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição em Portugal:* Cinemateca Portuguesa, Lisboa, 12 de Março de 1991 ("Cinema e Tragédia Clássica").

MÉDITERRANÉE é apresentado em sessão conjunta com BASSAE ("folha" distribuída em separado).

O texto da "folha" de MÉDITERRANÉE foi originalmente escrito em 2001, ano em que o filme foi apresentado no Porto (18 de Março, no Rivoli Teatro Municipal / "O Olhar de Ulisses – 3: A Utopia do Real") e em Lisboa (6 de Novembro de 2001, na Cinemateca / "As Ruínas").

*Uma memória desconhecida foge obstinadamente
para épocas cada vez mais longínquas...
a sensação de antiguidade aumenta...
Países múltiplos... falsamente adormecidos...
(...)*

*Hoje... Noutro tempo... Noutro lugar...
Enquanto uma claridade, um despertar ofuscante
transborda e cobre tudo em silêncio
já somos tão só um ponto cada vez mais perdido e longínquo*

do texto de MÉDITERRANÉE
(traduzido em português por Maria João Delgado e Regina Guimarães)

Quem conhece os filmes de Pollet sabe ao que vem. Para quem for uma primeira vez, a surpresa só pode ser grata. A extraordinária obra de Jean-Daniel Pollet, composta entre 1958, ano da curta-metragem POURVU QU'ON AIT L'IVRESSE, com Claude Melki, e 2000 (CEUX D'EN FACE) ou 2006 (JOUR APRÈS JOUR, o filme póstumo terminado por Jean-Paul Fargier), propõe um universo peculiar e um estilo inconfundível, marcados, um e outro, por uma reflexão sobre a duração que se assumiu à margem de classificações generalistas. Ao longo de quase trinta filmes, entre a ficção e o filme de ensaio, se começou por enveredar pela via do burlesco (tendência reconhecível no seu *sketch* RUE SAINT-DENIS em PARIS VU PAR, de 1963, no qual o seu nome é associado aos de Jean-Luc Godard, Claude Chabrol, Éric Rohmer, Jean Douchet e Jean Rouch), Pollet focou-se cedo numa outra tendência, com epicentro na própria linguagem cinematográfica. MÉDITERRANÉE, já fruto do encontro de Pollet com o grupo "Tel Quel" é o primeiro exemplo dessa *visão*.

Ancorado na memória, MÉDITERRANÉE constitui um caso que o título ilumina e circunscreve. Jean-Daniel Pollet, que se lhe referiu como "uma série de imagens captadas durante um 'itinerário mediterrânico' com a única preocupação de que cada imagem mostre, signifique, apenas uma coisa, uma só ideia de modo a poder ser utilizada como uma palavra (que apenas adquire um significado definitivo em função do lugar que vai ocupar numa frase)", filma o Mediterrâneo, uma ideia do Mediterrâneo, da sua herança, dos seus vestígios e das suas fulgurantes sombras. E faz, como era sua intenção, um filme que contraria "as distinções arbitrárias entre real e imaginário, passado, presente e futuro", através da junção de "imagens-palavras" tornadas pela montagem

“sequências-frases” que assim solicitam, tanto quanto justificam, a utilização recorrente do(s) mesmo(s) plano(s) em diferentes sequências, tornando contíguos (ou suspensos), num mesmo espaço, tempos diferentes. Como o verso ou um reverso de um abandono irremediável, que têm na vida e na morte as duas faces dessa condição. O mar, as ruínas de Palmira, o templo de Apolo em Bassas, a estátua de kore, os canais de Veneza, o hospital e a fábrica, a arena espanhola...

O Mediterrâneo de Pollet é então um espaço concreto e povoado de fantasmas, sensual e mórbido, intranquilo na tranquila forma de evocação da Antiguidade Clássica a que se dedica percorrendo, sem fim marcado, as suas reminiscências. MÉDITERRANÉE filia-se nessa dupla tensão, declaradamente ambígua e secreta, que alinha na mesma fronteira o sopro de vida e a pulsão de morte, por exemplo, os planos da rapariga que penteia o cabelo ao espelho e os planos da rapariga morta na marquesa de hospital ou os, ainda menos lineares, do mar e da arena de touros. As águas azuis, as laranjas, as cores da arena, rimam com espaços abandonados, corredores vazios, vestígios de outros tempos. Evocando um conceito, MÉDITERRANÉE progride por planos que apelam antes de mais a sensações e que tanto revelam tumultos essenciais como uma calma pacificadora. Daí a sua profunda estranheza e daí a sua força.

Assim foi recebido em França, nos anos 60, pela novidade estética, pelo carácter “livre”, pela “revelação”. Por poucos, mas muito bem defendido. No mesmo ano em que filmou LE MÉPRIS (porventura o mais “clássico” dos seus filmes), adaptando Moravia, e pondo Fritz Lang a filmar o mediterrâneo e as estátuas gregas numa adaptação de Homero, Jean-Luc Godard foi dos defensores mais incondicionais, escrevendo em 1963 um texto, “Impressões do Passado”, que os *Cahiers* publicaram em 1967 e se tornou numa referência irresistível em comentários a este MÉDITERRANÉE: “Que sabemos nós da Grécia de Hoje... Que sabemos nós dos pés ágeis de Atalanta... dos discursos de Péricles. Em que pensava Timão de Atenas quando subia ao fórum... E aquele aluno de Esparta enquanto a raposa lhe comia o ventre. Alarguemos o debate... Que sabemos nós de nós próprios para lá de termos nascido ali há milhares de anos... Que sabemos nós, portanto, daquele minuto magnífico em que alguns homens – como dizê-lo? – em vez de se apropriarem do mundo como um Dario ou um Gengis Khan qualquer, se sentiram solidários com ele, solidários com a luz que não foi enviada por Deuses mas com a luz que eles reflectiam, solidários com o sol, solidários com o mar... Deste instante, ao mesmo tempo decisivo e natural, o filme de Jean-Daniel Pollet entrega-nos, senão o porta-chaves completo, pelo menos as chaves mais importantes... Mas também as mais frágeis... [...] cabe-nos, agora, encontrar o espaço que só o cinema sabe transformar em tempo perdido... Ou melhor, o contrário... Porque aqui estão planos lisos e redondos abandonados sobre o ecrã como um seixo na praia... Depois como uma onda, cada colagem vem imprimir-lhe e apagar a palavra recordação, a palavra felicidade, a palavra mulher, a palavra céu... E também a morte porque Pollet, mais corajoso do que Orfeu, se voltou várias vezes para este ANGEL FACE no hospital de não sei que Damasco”.

A visão de MÉDITERRANÉE continua a suscitar interrogações e espantos com os seus enquadramentos fixos e longos travellings, a montagem com que Pollet (re)força a indistinção temporal dispensando a brutalidade aparente, o texto de Philippe Sollers ajustando-se a esta sensação de abandono. “Devemos entrar por aqui? Era aqui que morávamos sem saber? Um sítio onde gostávamos de nos esconder... parar...”. Filme errante e meditativo, feito de planos que se interrogam uns aos outros e são, a espaços, comentados em *off* por reflexões que lhes acentuam a estranheza, MÉDITERRANÉE fixa um retrato de vestígios e a paisagem teimosamente viva que as abriga.

Maria João Madeira